

AmaZonas: a psicanálise de A a Z*

MD Magno**

Resumo: A psicanálise acolhe todos os saberes que funcionem para a consideração do Inconsciente. Inconsciente: campo de recepção plerômica. Freud apresenta uma só libido, para além de mal e bem, como fundação de um monismo que se expressa dualisticamente em uma pulsão contrariada pela resistência. Crítica às ciências cognitivas. Toda formação é ideológica. A postura não-ideológica da psicanálise.

Palavras-chave: psicanálise, ideologia, monismo.

Abstract: Psychoanalysis may receive all kinds of knowledge fit to deal with the Unconscious. Unconscious: an all-encompassing field of reception. Freud presents only one libido, beyond evil and good, as the foundation for a monism which shows itself dualistically in a drive contradicted by a resistance. Critics of cognitive science. Every formation is ideological. The non-ideological position of psychoanalysis.

Keywords: psychoanalysis, ideology, monism.

AmaZonas – eis uma metáfora para ajudar a situar a psicanálise no concerto, ou desconcerto, das ditas terapias de curas contemporâneas e teorias adjacentes. É o que poderia metaforizar o ecúmeno psi, seu lugar geral, mais ou menos parecido com o Pleroma. A bacia amazônica é o maior complexo dos sistemas de água doce, com um quinto de toda a reserva do mundo em seus sete milhões de quilômetros quadrados e com dez dos vinte maiores rios. A região é maior do que a Europa e tem o mais variado bio-eco-sistema do planeta: 800 espécies de mamíferos, 2.500 de peixes e 25 mil de plantas. E, do ponto de vista do que se costumava chamar de inconsciente, ainda tem as figuras e lendas que constituem sua grande riqueza folclórica. Todos os bichos de Freud estão lá. AmaZonas: a psicanálise de A a Z (e não o Inconsciente, pois este não tem nem A nem Z).

* Texto retirado de duas seções do Falatório do autor, realizadas em 18 e 15 março 2006, na UniverCidadeDeDeus.

** Psicanalista. Professor aposentado (Eco / UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes (dirigido por Jacques Lacan).

Fundador do Colégio Freudiano / RJ e criador da Nova Psicanálise e do NovaMente. Realiza seu Seminário, atualmente chamado “Falatório”, ininterruptamente desde 1975.

Email: mdmagno@novamente.org.br

A tese é: *a psicanálise pode acolher todos os saberes que acaso funcionem para a consideração do Inconsciente*. Dito de outro modo, a função da psicanálise é a consideração do Inconsciente e pode acolher todos os saberes que funcionem para isto. Do ponto de vista da relação continente-conteúdo, o Inconsciente contém e não pode ser contido. Ele corresponde ao Haver, e não ao Ser ou a algum Universo. E o Haver, dada a chance da HiperDeterminação, contém tudo que há. Aí não funciona o dito paradoxo de Russell, pois o catálogo de todos os catálogos, enquanto conjunto de todas as formações agoraqui do Haver, progressivamente inclui a si mesmo enquanto o que tem a chance de HiperDeterminação. Ou seja, a cada momento que bate na HiperDeterminação, ele se inclui a si mesmo, mesmo que se acrescente. Como está em movimento e não é uma lógica estática, não há paradoxo algum, pois o Inconsciente é essa coisa plerômica que vai se incluindo a si mesmo à medida que a HiperDeterminação funciona. Notem que dizer “se inclui a si mesmo” não é reflexivo, já que poderíamos dizer: ele inclui ele mesmo.

Monismo da psicanálise: não há pulsão de vida

É importante escapar decisivamente de qualquer dualismo a respeito do funcionamento de última instância do Inconsciente e da psicanálise. Há dualismos funcionais – assim como existe o Revirão e seus alelos, etc. –, mas, em última instância, a coisa é monista. Freud teve essa preocupação e escapou dela. Quando construía sua teoria da libido, teria tentado ser dualista, mas, se apresenta um dualismo de função, em função das partições do Haver, em última instância, é monista. Ou seja, quando começa a ter a idéia de propor não só uma pulsão de vida contra uma pulsão de morte também pensa em duas possibilidades de energia, uma *libido* em contraposição a uma *destrudo*, mas acaba por se dar conta sabiamente de que bastava uma libido para nos levar desejosamente para a vida ou para a morte, para o bem ou para o mal, fossem eles aleatoriamente construtivos e/ou destrutivos. Ambos em busca do mesmo fim – enquanto finalidade e enquanto término – na exterminação desse Tesão inesgotável.

Então, o que Freud apresenta é uma só libido, para além de mal e bem, como fundação de um monismo que se expressa dualisticamente em uma pulsão contrariada pela resistência. Pulsão de vida não é pulsão. A rigor, ela é resistência. É *conatus*, no sentido de Espinosa. Aliás, supor que a vida faz esforço para existir é um dos maiores empecilhos do pensamento ocidental. Ela faz esforço para não desistir, apenas resiste. Por que cientistas da astronáutica ficam tão perplexos ao passear pelos planetas e não encontrar pelo menos vida explícita? Por que aquelas coisas lá não se transformam numa vida com facilidade? Porque é um acontecimento raro. E não é engraçado que, ao menos como vida

complexa, ela seja rara? Se houvesse pulsão de vida, deveria ser banal. A afirmação a respeito de haver vida é puramente narcísica. Não é nem narcisismo da espécie, é o narcisismo da vida. A vida é narcísica – como tudo, aliás. Uma vez que acontece, acha-se o máximo. Não reconheço para a vida um esforço de existência, de vir a existir. É o problema da biologia que está nos velhos livros de Jacques Monod e François Jacob, por exemplo, sobre acaso e necessidade. Não estou decidindo a respeito, pois acho que isto não se decide assim, mas que é acaso, é. Necessidade, será encontrada na Pulsão, e não em seu resultado. A Pulsão é o motor, é o necessário. Dentro desse necessário, quais são os acasos de surgimento disso ou daquilo? A vida é necessária? Não sei, parece-me que não.

No estudo científico em relação ao universo, gastam-se fortunas para procurar vida em outros lugares. Com que sentido? Para haver inteligência expressiva, tem que haver vida? Não estarão procurando e gastando no lugar errado? Uma tônica das pesquisas é procurar vida para, depois, ver se há vida inteligente. Aliás, acho isto um pleonasma, pois se há vida, pode ser uma ameba, é inteligente. E se for possível aparecer a inteligência diretamente expressiva como a nossa – como a nossa burrice, aliás – sem que seja através de vida? Posso falar disso à vontade, pois ninguém sabe nada a respeito. É o problema que encararemos em relação à própria maquinaria de computação. Quando ela se resolver como autônoma e expressiva, não se chamará vida, pois não é da ordem do biótico. Chamam de vida digital, mas é maneira de dizer, metáfora. Eis algo a ser analisado, no sentido psicanalítico: o narcisismo da vida impõe que só haja inteligência onde há vida, o que é uma burrice, pois não se sabe. A inteligência está embutida nas formações do universo. Se não está embutida nele, está embutida na rede: a rede é inteligente. Se a rede não fosse inteligente, por que cientistas estariam procurando o inteligível da rede? Como se estuda o universo reconhecível? Na suposição de que haja, por exemplo, leis da física, da astronomia, da cosmologia. Portanto, isto é a inteligência daquilo. Se não fosse inteligente, não seria inteligível, seria o caos absoluto.

Estou, então, fazendo um pouco a crítica da idéia de pulsão de vida, que é justamente aquela pela qual a maioria é apaixonada. Não existe pulsão de vida contra a pulsão de morte. A pulsão é uma só, tem um sentido só, e como funciona dessa maneira uniforme e unitária acontecem acasos. Acaso é maneira de dizer, pois não sabemos acompanhar todos os momentos de desenvolvimento, por exemplo, de um autômato celular, o qual é considerado sem vida no campo do Haver, mas, dadas as repetições infinitamente grandes, ou sabe-se lá o que acontece nele, de repente o complexo nasce do muito simples – é a isto que chamo de acaso –, sem que, até hoje pelo menos, tenhamos condição de acompanhar essa passagem. Basta ver o trabalho de Stephen Wolfram, que, no computador, repete, repete, parece estar simplesmente repetindo, quando, de repente, o autômato celular dá

um salto para outro lugar, e não se sabe como acompanhar aquela randomização não consecutível para nós. Então, chamarei a pulsão do computador – aquilo que pulsa no computador, na repetição celular – de pulsão de vida ou de morte? Suponhamos que, de repente, compareça a vida. Qual dos dois é a vida, o primeiro ou o segundo?

Inconsciente: campo de recepção plerômica

Tomo a questão da psicanálise considerando-a como aquela que lida, ou pretende lidar, com o Inconsciente enquanto um campo de recepção plerômica. Ou seja, todo e qualquer saber que lhe sirva é incluído. Isto não é novidade, já está em Freud quando lança mão de todos os conhecimentos de sua época e os traz para a psicanálise. E, sobretudo, está em Lacan quando exige de seus formandos que estudem tudo. Na verdade, se cada um não puder ser sabedor de tudo, que se incluam, então, no campo, pessoas capazes de manejar os mais diversos conhecimentos. Técnicas, temos muitas, mas se a psicanálise é um campo de receptividade plena, podemos usar técnicas de qualquer saber. Metemos a mão e tratamos todos os saberes como ferramentas disponíveis. Nem por isso deixando de ter sintoma próprio. Acolhemos todos os saberes para nosso uso, mas dentro dos princípios que nos são próprios. Isto faz grande diferença em relação à idéia de somatório, de simples adição, das áreas que se pretendem multidisciplinares, ou interdisciplinares, pois trata-se de apropriação e submissão ao nosso modo de uso. Se não, é o *pot-pourri* interdisciplinar que hoje encontramos na academia. Aliás, só colocar a idéia de disciplinaridade, já estragou tudo, pois aí não é a apropriação de um saber e seu manejo segundo modos próprios, e sim uma eterna discussão entre disciplinas cujas fronteiras ninguém sabe onde ficam.

Portanto, não nos cabe combater o exercício e os saberes que são pertinentes, por exemplo, às ciências cognitivas. Não é nossa posição política, intelectual, técnica, ou terapêutica, combatê-los. Queremos que façam cada vez mais, pois assim poderemos lá buscar tudo para nós. Esta é a resposta que temos para eles, que são interdisciplinares e polidisciplinares. Há anos falei do livro de Howard Gardner, *A nova ciência da mente* (São Paulo: Edusp, 1995, 454 p.). Ele, quase que jornalisticamente, faz uma leitura dos acontecimentos, fatos e aglutinações que fundaram as ciências cognitivas. Cito-o para lembrar-lhes o que arrola na interdisciplinaridade da construção das ciências cognitivas: filosofia, psicologia, antropologia, lingüística, inteligência artificial e neurociências. Vejam que, como interdisciplinar, esse campo é impossível. Falta a música, por exemplo, que é fundamental. Talvez surgisse um maestro para essa orquestra. É até louvável, um esforço de transa entre os conhecimentos, etc., mas quando se coloca isto como se fosse um saber

adquirido a respeito de coisas que são científicas, não há como não detectar aí uma falta de reconhecimento do modo de produção do próprio sintoma. E mais, se é colocado que a filosofia faz parte desse campo, já danou-se, pois a filosofia está perdida em relação a si própria, a suas próprias metafísica e epistemologia.

Então, que isso tenha a pretensão de estar inter-relacionando saberes, que eles tenham saberes isolados em laboratórios e estejam descobrindo coisas importantes, por exemplo, nas neurociências, é tudo ótimo. Daí a arvorar o campo como científico, a distância é imensa. Se for assim, a psicanálise é científica também, embora isto, do ponto de vista de precisão teórica, não tenha a menor importância.

Toda formação epistêmica é ideológica

Afirmo que *toda formação epistêmica* – podem usar *episteme* no sentido de Foucault –, *ou mesmo epistemológica, é inapelavelmente ideológica*. Tomemos a distinção kantiana entre *fenômeno* e *noumeno*. Nada quero com Kant, mas só de tomar a crença generalizada, mesmo com outros nomes e em outras teorias psicológicas ou filosóficas, de que há algo semelhante a *fenômeno* e *noumeno*, ou seja, de que não se pode observar o que não está observável, já me dá a garantia de que, naquilo que supostamente foi observado, no sentido kantiano, que foi estudado e cientificado, comparece uma ideologia. Do contrário, não sobraria nada por trás para chamar de noumeno. Se sobra, é porque o aparelho de abordagem está limitado por sua configuração discursiva, que é ideológica. Qualquer aparelho, pois não há que bancar o marxista típico que quer supor que todos os saberes são ideologia, menos o dele. O nosso também é.

Quando lemos tratados ou artigos sobre ideologia, encontramos frequentemente o autor se defendendo ou defendendo a idéia de conhecimento não ideológico mediante uma distinção entre ideologia e não-ideologia. Esta distinção é geralmente feita em função de uma definição de ideologia que arrola apenas as formações discursivas com vontade de poder político: ideologia burguesa, capitalista, religiosa, etc. Marx, quando funda sua teoria, vai contra a ideologia alemã, que ele quer que seja abandonada para introduzir a *ciência* da história, da matéria, o materialismo histórico como científico contra as utopias e ideologias... dos outros. É claro que não consegue, mas levamos quase um século acreditando que ele era cientista em contraposição aos outros.

Leiam, por exemplo, Terry Eagleton, *Ideologia* (São Paulo: Boitempo, 1997), e Istvan Meszaros, *O poder da Ideologia* (São Paulo: Boitempo, 2004). Ambos são marxistas: o primeiro se caracteriza por certa bobice e o segundo por certa carranca. Eagleton é bem humorado, mas seu humor esconde uma tapeação: fica contando anedota para não notarmos

que está falando besteira. E quando o sujeito é muito sério, feito Meszaros, denuncia todos os saberes, inclusive as ciências, como tendo sempre alguma pressão ideológica em sua produção. Mas ele não está dizendo que a ciência em si é ideológica, e sim que o cientista, com suas ideologias, acaba por ideologizar aquilo que está fazendo. Não é o que estou dizendo. Para mim, o cientista mais isento de ideologias políticas, intrinsecamente à própria ciência, é ideológico. Não existe saber ou discurso não-ideológico. Aí, os especialistas em ideologia argumentam que, se tudo é ideológico, para que serve o conceito de ideologia se não distingue mais nada? Isto é uma tapeação (ideológica, aliás), pois distingue sim: distingue a *postura*. Há aquele que trabalha sabendo que está sendo ideológico com tudo, e aquele que finge que não há ideologia em seu trabalho, só no dos outros. Vejam que a postura muda.

Nietzsche, brilhantemente, em algum lugar, define metafísica – que é algo muito parecido com ideologia – como valorização das oposições. Ele, em meus termos, está dizendo que, de qualquer Halo significante, valorizamos um dos alelos, e isto já é metafísica. A tal ciência primeira se apóia em valorizações, em valores que arbitrariamente nomeou. Mas como não me interessa a metafísica, que está completamente desmoralizada, roubo sua definição para dizer que *ideologia é a valorização das oposições*. Nietzsche está dizendo que escapar da metafísica é tomar posição para além de mal e bem. Entretanto, ele sabe comentar, mas não sabe ensinar qual é esta posição.

Como sabem, minhas idéias de Revirão e de Indiferenciação são inteiramente cabíveis na tradição que vem, por exemplo, de Nietzsche, passa por Freud, etc. Qual é, então, a postura – e não a técnica – do analista? É para além de mal e bem, de sim e não. Só se exerce a postura quando se está na referência à Indiferença. Isto não quer dizer que se possa efetivamente trazer isto para dentro do mundo. Não pode. Esta é a postura, que tem que ser tomada a cada passo mesmo. Considero, pois, a definição de Nietzsche quanto à metafísica como melhor ainda para a definição de ideologia. Aliás, ele dizia coisas muito interessantes, mas que também precisam ser analisadas. Disse ele: “Deus morreu, fomos nós que o matamos” – quando está claro que Deus suicidou-se, como tudo, aliás. O Haver se suicida, quer não-Haver. O Cara não era onipotente? Tinha à disposição qualquer saída que quisesse e foi morrer na cruz? Suicidou-se, é claro! Fomos nós que o matamos? Nós quem, cara-pálida? Observem que o atual papa cita Nietzsche em sua primeira encíclica, sobre o amor. O Bené é inteligentíssimo. Jana Paula expulsara da igreja Freud, Marx e Nietzsche. Ele, não. Resolveu dar o golpe contrário, incluiu.

Continuo, então, minha definição para *ideologia*: “Formação de formações secundárias (conjunto de idéias), ou seja, pressupostos e crenças, que tem o poder de determinar para uma Pessoa – no sentido que dou ao termo – sua tomada parcial de

posição (sua tese) referente a qualquer tema considerado. Trata-se, portanto, de uma formação sintomática que exerce dominação sobre a suposta escolha desta Pessoa”. Observem que faço um reviramento dentro da própria definição. A pessoa pensa que pensou e criou uma formação dominante, mas, se a criou, estava sob seu domínio, estava dominada pela formação que a pariu como criadora. A inversão é evidente: em vez de “eu pensei...”, temos que dizer “me pensaram que...” Esta é, aliás, mais uma das pretensões puramente narcísicas que temos. Onde está, então, a eficácia do entendimento do que seja ideologia? Está na postura que se vai tomar. Falo com a arrogância de quem tem um saber do saber, ou com a de quem tem um saber reconhecidamente ideológico?

A postura do analista: indiferença

A psicanálise é uma ideologia? Sim! Por isso, precisa fazer a própria crítica o tempo todo. Qual é a formação de base da ideologia de Freud? Arrisco a dizer-lhes que Freud é o Moisés da psicanálise; Lacan, o Jesus; Derrida, o Maomé; e eu, tento secularizá-la. Não sei o que isto possa querer dizer, pois está ideologicamente comprometido, mas pelo menos é a tentativa de pensar no regime do Quarto Império, que chamo de Império d’Oespírito. Isto não quer dizer que seja o império do Bené ou do Allan Kardec. Se chamo assim, entre brincadeira e seriedade, espírito pode ser espírito dos *Éons*, o que há de *pneuma* nas formações computacionais, por exemplo. Sua consistência é puramente computacional e sua matéria puramente informacional. É por aí que a coisa vai.

A única coisa não-ideológica que se pode ter é uma postura. A de Nietzsche, por exemplo, de se referir ao que fica para além de mal e bem. Existe algo não ideológico? Discursivamente, não. Posturalmente, sim. A cada vez que abordamos, que acolhemos, há que fazer o exercício da indiferença, ou pelo menos o processo permanente de indiferenciação do que quer que se escute. Qualquer valor aplicado será posterior ao movimento de indiferenciação. Então, se, para não sermos ideológicos, não podemos intervir senão em silêncio, isto significa que toda vez que fazemos intervenção estamos lutando no plano ideológico com a ideologia do outro. Pode ser útil na análise, mas a única resposta não-ideológica é o silêncio absoluto. Mesmo assim, a resposta que o analisando se dará diante do silêncio será ideológica, ainda que desloque seu ideograma para outro ideograma. Portanto, só a postura é não-ideológica. A intervenção, para além do silêncio, é ideológica.

A diferença é que o suposto analista, se tem como postura não ideológica a indiferença, mesmo que, num momento, aplique uma formação que foi valorada pelo simples fato de usá-la, ele não quer compromisso com ela. Foi apenas um estratagema de

análise. Ele disse tal coisa porque funcionava no momento, mas não quer compromisso com aquilo. Por isso, Lacan disse que a psicanálise é uma *escroquerie*. Do ponto de vista do ideólogo, tirar o seu da reta a todo momento é escroque, mas é a postura do analista. Isto não vale para o cotidiano do social, em que temos que ter relações ideológicas mais ou menos asseguradas. E não vamos tomar essa idéia para fazer a *escroquerie* no social. A não ser que se queira ser um revolucionário nietzscheano, que se queira a zorra instalada. Isto também é possível, mas aí é preciso dizer o nome. Quando agimos no cotidiano, na relação com os outros, estamos nos apropriando de uma formação ideológica para sobreviver. Então, há que saber fazer o jogo político com certa seriedade, mesmo que seja uma bobice ideológica.

É impossível produzir discursivamente sem sintoma. Logo, é ideológico, já que sintoma sempre valora oposições. Então, quando produzo uma coisa chamada Nova Psicanálise, não posso produzi-la sem sintoma. Mas quando descubro, como muitos outros – os mestres zen, por exemplo –, que a postura é indiferenciada, indiferenciante e indiferente, então estou fora da ideologia. Eu me retiro, saio dos valores, me ponho para além de mal e bem, de sim e não, de noite e dia, e estou na paz da não-ideologia, fora do sintoma. Posso, isto sim, refinar a formação sintomática. De tanto ter a postura não ideológica da indiferenciação, com mais facilidade refino os teoremas sintomáticos. Isto significa buscar que sejam cada vez menos conteudizados, mais abstratos – mas mesmo assim são sintomáticos.

O que é um fundamentalista? Uma besta que não refina sua sintomática, e se recusa a fazê-lo. Como não tem a competência de, por exemplo, partir de Javé e chegar a Nenhum, a Ninguém, trabalha afincadamente para aumentar a confluência sintomática de seu sintoma e argumentar cada vez mais, como o Bené está tentando fazer até com filósofos os mais decentes. Aliás, uma das lutas ideológicas mais acirradas é a religiosa. O que Bené está fazendo é não refinar, mas reduzir os refinamentos à sua grossura. Cuidado com ele, pois o anterior só tinha inteligência política e de marketing e o que dizia que prestasse do ponto de vista intelectual era o Bené que soprava em seu ouvido. Ideologia religiosa é barra pesada, pois, às vezes, tem séculos de reafirmação de sintoma. A psicanálise tem apenas um século e já deu vários passos na tentativa de refinar, enquanto lá é permanente, só se aumenta a confluência sintomática.

Absolutismo diferocrático x relativismo democrático

Vejam o que está no recentemente lançado Livro Negro da Psicanálise – *Le livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud*, de Jacques Van Rillaer,

Didier Pleux, Jean Cottraux, Mikkel Borch-Jacobsen e Catherine Meyer (Paris: Les Arènes, 2005) –, que é uma bobice, mas denuncia muita porcaria na psicanálise. As formações de saber incluídas nas aparentemente triunfantes ciências cognitivas são pura ideologia, tanto quanto qualquer outra. Portanto, são relativizáveis ao extremo e não têm a menor competência, senão política e de poder, de deslocar a psicanálise. Podem tomar o poder e até proibir a psicanálise, mas isto não quer dizer absolutamente nada. Nós outros não queremos calá-los e nem que desapareçam. Queremos sim nos apropriar de tudo que consigam. A diferença de postura é essencial. Vemos terapias contemporâneas que parecem refinadas. Por exemplo, filósofos que, baseados em suas filosofias, querem se tornar terapeutas e tomam uma filosofia para convencer que se você tiver uma filosofia daquela ficará melhor. Aliás, se você tiver todas as filosofias, ficará melhor, menos estúpido, mas aquilo é pura ideologia. O melhor dos filósofos é um ideólogo.

Para o pessoal das ciências cognitivas, o *racional* não é ideológico. É sim. Por isso, peço que leiam Paul K. Feyerabend, que é brilhante e arrasa com a pretensão da razão. Por outro lado, ele tampouco deixa de fazer parte, como Terry Eagleton, John Gray, Jurgen Habermas, etc., do relativismo democrático. Não estou contra o relativismo e a favor do absolutismo, e sim dizendo que o relativismo democrático sofre de um defeito gravíssimo que nunca vi denunciado. Estou abusando um pouco ao dizer isto, mas ele parece o politicamente correto. Por exemplo, na antropologia moderna não se pode tomar nenhum grupo, tribo, dizer ou dito de qualquer proveniência e considerá-lo inferior ao seu, ou a outro dito, pois todos os grupos e tribos teriam razões no que dizem, razões até racionais. O grande argumento é que, mesmo sem a racionalidade do Ocidente, eles sobreviveram milênios.

Aliás, digo até melhor do que o relativismo democrático: *o que quer que se diga é da ordem do conhecimento, basta situar* – sou absolutista diferocrático, e não relativista democrático. O difícil, então, é situar em relação aos outros. Segundo eles, os ditos de todos que dizem algo têm uma função, uma verdade, se não, não teriam sido ditos daquele modo ou acolhidos por tantas pessoas que lá existem, e muito menos essas pessoas teriam existido até hoje. O que se esquece aí é que quando entramos em relação, às vezes de confronto, com outra posição ideológica, difere muito se temos uma *crença* em relação à nossa formação de saber e o outro também a tenha em relação à sua formação de saber, ou se somos capazes de ler todas essas crenças e manter uma posição de respeito por fora e extrapolada delas em relação a todas as crenças.

Se me deparar com uma besta que resolva me reduzir à sua bestice, lutarei com ela sem respeito a relativismo democrático algum. Agora, se me disserem que aquela é sua ferramenta, que a usam de tal modo, mas não acreditam naquilo, aí tudo bem. Se tomarmos

a briga de George W. Bush com os fundamentalistas islâmicos, qual é o pior? É indecível. Bush, na mídia, dá uma desculpa absolutamente calhorda – que, situada em outro nível, serviria – de que está atacando os de lá porque estão ameaçando os de cá. Ele teve a sorte de Bin Laden derrubar as torres gêmeas para poder dizer isso, mas não está em seus princípios ou dos falcões que os de lá possam ser o que quiserem desde que não se metam na casa dos de cá. Para ele, aqueles têm que ser também democratas e libertários. Aí a discussão fica de igual para igual. Um diz que islamismo é uma palhaçada e outro quer destruir o cristianismo e transformar o mundo em adoradores de Alá. Ideologia com crença é isso: os dois querendo que sua ideologia domine o mundo. Pode até acontecer, depende de quem tiver a arma maior. Era, aliás, preciso criar um turismo diferocrático. Faríamos turismo nas crenças dos outros. Poderíamos entrar em suas igrejas, mas sem esculhambá-las.

No caso dos intelectuais, quando falam em relativismo democrático, esquecem que falta uma mente que passe por todos os relativos: uma mente que acolha, relativamente, todos os relativos. Vamos supor que eu me suponha com essa mente e o outro não seja relativo, e sim fundamentalista, estarei danado na mão dele. Ou, se não, sou fundamentalista e quereirei destruir o outro. Portanto, para fazer um relativismo democrático, temos que ter a competência de entendimento de que as formações de saber são *ferramentas* e não podem ser *crenças*. Por exemplo, considero como a mais idiota – no sentido do termo, *idiós* – das teorias *psi* o comportamentalismo, o behaviorismo. No entanto, lá há coisas muito práticas que podemos usar quando for necessário para dar jeito em algum analisando.

Nem tudo na análise, para funcionar, é suspensão. Às vezes, notamos que o analisando está precisando levar uma recalçada para aprender o processo do recalque. Ele simplesmente passa por cima, funciona dentro do processo do recalque, mas não se dá conta. Então, não basta esclarecer, há que recalca-lo, ainda que só para fazer contraposição. Notem que há diferença entre fazer isto como um Bush que quer reduzir o outro, e fazer porque é uma estratégia para o outro perceber seu recalque. Portanto, uma coisa é utilizar um saber que, em última instância, sabemos que é ideológico, outra, utilizar o mesmo saber sem reconhecer isto, como se fosse absoluto. Ter crença é valorar. Quando trabalhamos qualquer saber como mera ferramenta, não estamos valorando, valorizando, e sim usando porque foi pragmaticamente útil no momento. Não estamos dizendo que é o valor, pois, daqui a pouco, poderemos usar o contrário. A crença é valorativa. A definição de Nietzsche para a metafísica é brilhante, mas serve mesmo para a ideologia. Aliás, a metafísica é ideológica.

As ciências cognitivas dizem que há crenças racionais e crenças irracionais. São a mesma coisa. Não temos que ter crenças racionais, e sim dispositivos de razão. E, às

vezes, dispositivos de irracionalidade inconsciente. Se um animal ideológico quiser me oprimir, por que vou discutir com ele? Para ele me matar antes de eu acabar a frase? Como sabem, ao contrário de Nietzsche, digo: *só há fatos, não há interpretações*. Quando achamos que algo é interpretação, estamos dizendo que essa interpretação corresponde exatamente a determinado fato. Não! A interpretação é outro fato. Podemos dizer que fizemos trabalhos muito precisos, acompanhados por procedimentos e métodos, e temos a impressão de que os fatos realmente corroboram tal teoria. É possível dizer isto, pois os fatos foram produzidos por ela. Quando sei, sei absolutamente o que sei a respeito de algo que está no real. *Está, não é*. Kant chama isto de *noumeno*, mas não há que pensar em *noumeno*, pois, como disse, o que tenho é: o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Ou seja, se houve recorte, as formações são paralelas. Então, não estou vendo uma coisa, e sim vendo formações. Mediante um saber, vejo uma formação; mediante uma formação, vejo um saber. Isso é uma completude? Não, é uma bobagem útil.

Conclusão

Então, diferentemente dos críticos marxistas, que sempre acham em todo discurso uma pressão ideológica, mas que a consideram como sendo de uma ideologia dentro da (ou paralela a) qual nasceu aquele discurso ainda que científico, para mim, há ideologia na própria produção da ciência, com ou sem pressão de uma ideologia política externa. Poderíamos chamar isto de ideologia interior ou exterior a um discurso. Ideologias externas ao discurso podem influenciá-lo, e os críticos marxistas sempre acham que elas estão lá presentes. Mas falo de uma ideologia interna a toda e qualquer produção de discurso. O simples fato de fazer escolhas por um caminho ou por outro já é um fato ideológico. Isto é evidente na produção de uma teoria qualquer. Sobretudo, na de uma filosofia, em que há os princípios escolhidos pelo filósofo, os quais, se não forem criticados, a filosofia pode parecer muito interessante, mas se os criticarmos ela não se agüenta.

Falei da psicanálise como verdadeira bacia amazônica, cuja orografia, cujo relevo permite acolher todos os discursos que lhe interessarem *ad hoc*. O problema é: é possível colher resultados sem, junto, colher a doutrina? Se a psicanálise, seja qual for – em nosso caso, a Nova Psicanálise –, se apresenta doutrinariamente, como, aliás, não pode deixar de fazê-lo, quando colhe de outro campo algum resultado, algum fragmento, é possível fazê-lo sem colher a doutrina que o produz? Sim, embora nem sempre. Às vezes, o resultado é tão subdito à forma da doutrina que temos que abandoná-lo, pois será incompatível com nosso próprio discurso. Mas, de modo geral, os resultados podem ser práticas interessantes independentemente da doutrina que os produziu. Portanto, podemos abandonar não só a

ideologia, mas também os princípios e métodos de um discurso, e considerar que, se realizou tal coisa e deu tal resultado, aquilo pode ser uma prática interessante e não contraditória com, pelo menos, o manejo de nossos processos. Por isso, digo que a psicanálise acolhe tudo que se faz na área discursiva, desde que ponha sob seu escopo.